



Cadernos IHU Idéias

**Pomeranas parceiras no caminho
da roça: um jeito de fazer Igreja,
Teologia e Educação Popular**

Dr^a Edla Eggert

ano 2 - nº 13 - 2004 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Coordenador

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias

Ano 2 – Nº 13 – 2004

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho Editorial

Dáris Corbellini

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Vera Regina Schmitz

Responsável técnico

Telmo Adams

Editoração Eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Instituto Humanitas Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467
humanitas@poa.unisinos.br
www.ihu.unisinos.br

POMERANAS PARCEIRAS NO CAMINHO DA ROÇA: UM JEITO DE FAZER IGREJA, TEOLOGIA E EDUCAÇÃO POPULAR¹

Dr^a Edla Eggert²

Este é um recorte sobre minhas entrevistas realizadas para a pesquisa de doutoramento em Teologia. Trago, nesta apresentação, algumas aprendizagens no campo metodológico bem como no campo conceitual do mundo da Igreja, da Teologia e da Educação, sempre narrando partes de histórias que remetem a experiências contaminadas pela simples vontade em querer aprender algo mais, mesmo que isso seja entre alguns espaços nem sempre visíveis da academia.

Apresento algumas reflexões que, hoje, depois de cinco anos da conclusão da tese, trago marcadas de outros jeitos depois da banca... O exercício de trazer no espaço do IHU idéias uma rememoração do que significa pomerana em nossos dias provocou-me pequenas ousadias.

Das histórias das entrevistas que viraram narrativas

A narrativa das seis mulheres entrevistadas, quando transcrita, gerou várias reações, do mesmo modo como quando revelamos uma foto. À medida que fui devolvendo a “fala, que virou texto”, ouvi depoimentos sobre como tinha sido bom reler o que havia sido dito. “Minhas filhas leram e se surpreenderam comigo, sobre coisas que elas não sabiam...” (Nair); “Meu marido depois que leu, veio e me deu um beijo e disse: Como tu falou tudo isso? E você lembrou de mim? Que bacana!” (Eva); “Vou continuar fazendo isso, vou escrever, porque achei importante.” (Alzira). “Eu falei desse jeito? Puxa vida quantos né!” (Islair). A reação de Noeli foi ainda mais emocionante, pois foi

1 *Gostaria de dedicar esse texto para as pessoas camponesas (“Bauer”) que, de uma forma ou de outra, foram empurradas para além-mar onde encontraram outros amores.*

2 Professora do Centro de Ciências Humanas da UNISINOS e do Curso de Pós-Graduação em Educação, mestre em Educação pela UFRGS e doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia, EST – São Leopoldo.

em forma de carta, na qual revela sua curiosidade em ver o trabalho concluído, publicado em forma de livro. Foram reações diferentes que surgiram das releituras feitas. Esta também é uma aprendizagem da história oral, bem como das pesquisas qualitativas e feministas.

Vivenciei, segundo Alberto Manguel, vários disfarces de leitora: do campo escolhido para a pesquisa, das fitas gravadas, das transcrições, para então propor também à leitora e ao leitor o prazer de ler o texto das mulheres em forma de narrativa transcrita. O processo que vai da transcrição da entrevista até a narrativa transcrita seguiu a orientação de organizar o texto para uma leitura fluente, sem mexer na estrutura, mas com o objetivo de trazer para dentro, das margens para o centro, a narrativa quase integral, proporcionando, assim, uma textualização da fala das mulheres³. Torno-me, com isso, co-autora e responsável por essa transcrição, organizando agrupamentos temáticos e sugerindo um exercício de análise textual⁴.

Uma sensação estranha me invadia todas as vezes que me punha a ouvir as fitas ou a ler as entrevistas. Percebia que estava lendo as mulheres, como no depoimento de Alberto Manguel,⁵ lendo de diversas formas e lendo também em forma de texto. Os leitores de livros ampliam ou concentram uma função comum a todos nós. Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo, lendo um mapa de estrelas que não existe mais; (...) a dançarina, lendo as notações do coreógrafo, e o público, lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão, lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; (...) o amante, lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra, ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; (...) todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos.⁶

Situando o contexto das mulheres entrevistadas

A realidade da região em que as mulheres vivem possui características muito próprias. São Lourenço do Sul e Canguçu fazem parte da região do sul do Estado do Rio Grande do Sul, que foi, por muito tempo, e ainda está sendo, negligenciada pelo poder público. O relato de Carlos Rheingantz, filho do fundador de São Lourenço do Sul, evidencia o desinteresse com que eram tratadas, por parte do Governo Imperial e Provincial, questões em relação às escolas e igrejas⁷.

3 Cf. Edla EGGERT, *Educa-teologização: fragmentos de um discurso teológico*. Tese, 1998.

4 André Castanheira GATTAZ, *Lapidando a fala bruta*, 1996.

5 Alberto MANGUEL, *Uma história da leitura*, 1997.

6 *Ibidem*, p. 19.

7 Carlos RHEINGANTZ, *Colônia de São Lourenço do Sul*, p. 22.

Durante longo tempo, desde o início da colonização, não houve escolas fora da Igreja. O desmembramento ocorreu a partir de 1960, mas os colonos continuavam falando pomerano, aprendendo alemão por necessidade religiosa e português para se comunicarem com os demais habitantes da região⁸.

As escolas foram um dos principais motivos de organização das comunidades pomeranas. Junto a elas faziam-se as celebrações, geralmente realizadas por um professor escolhido pela comunidade, que se baseava em livros, bíblias e hinários em língua alemã trazidos do além-mar.

São Lourenço do Sul foi uma colônia particular fundada por Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães em 1858⁹. Canguçu surgiu de uma disputa de terras entre o capitão-mor Paulo Rodrigues Xavier Prates e João Francisco Teixeira de Oliveira, e do desejo dos moradores de terem assistência religiosa (católica) a fim de poderem construir uma capela. Com isso fundaram o povoado em 1800¹⁰.

Segundo Carlos Fouquet, o Estado do Rio Grande do Sul foi o mais prejudicado no tocante ao atendimento de assuntos religiosos. O envio de pastores preparados para acompanhar os colonos vindos do além-mar não ocorreu. Joachim Fischer observa que, durante quarenta anos (1824-1864), o Rio Grande do Sul ficou sem atendimento religioso, tanto por parte da Ale-

8 Giancarla SALAMONI, *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul*, p. 41. Esta realidade também é destacada por André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*, em relação aos pomeranos do Estado do Espírito Santo: as três línguas como forma de sobreviver em vários grupos. (p.31). “O pomerano é a língua da vida tradicional, das mulheres, das famílias e da agricultura (...) O alemão durante muitos anos foi a língua oficial da Igreja. A fé se expressava em hinos e orações em alemão, decorados no ensino confirmatório ou no culto (...) O português é a língua da integração na sociedade brasileira (...) Quais são as conseqüências desta situação para a religiosidade? Vejo dois aspectos. Um primeiro aspecto é que a vida foi compartimentalizada. A área religiosa era diferente da vida diária e do mundo circundante. A vida no domingo era diferente daquela vivida durante a semana. Só as passagens na vida familiar e na vida diária foram marcadas religiosamente: por rituais como batismo, confirmação, bênção matrimonial e sepultamento, e também por orações, passando da noite para o dia e inversamente, ou iniciando as refeições. No mais a religião ficou isolada no seu setor, era o domínio do pastor. Com o uso do pomerano e do português pelos pastores (sic), há possibilidades de uma reintegração dos vários setores em que a vida foi compartimentalizada”.

9 Sobre a história de São Lourenço, temos como fonte as obras de Arita Gilda BERGMANN (Org.), *São Lourenço do Sul, 100 anos*; Vivaldo COARACY, *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*; Carlos RHEINGANTZ, *Colônia de São Lourenço*.

10 Cláudio Moreira BENTO, *Canguçu reencontro com a história*, p. 34; ver também: Jurandir Pires FERREIRA, *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, vol XXXIII, p.113-118.

manha quanto por parte do governo brasileiro, que não reconhecia outra religião que não fosse a católica¹¹. Havia a preocupação por parte de fundadores de colônias, como a de Rheingantz, de organizar as comunidades em torno de pastores com formação teológica e com uma religião reconhecida num país estranho. Era importante para o convívio pacífico e para o crescimento organizado dos imigrantes, mas nem sempre isso aconteceu. E isso fica mais visível ainda se nos debruçarmos sobre uma análise do sul do Estado. Segundo Joachim Fischer, houve um total abandono do sul do Estado, que não conheceu, por anos seguidos, um único pastor formado para atender os colonos imigrantes.

Em compensação, houve, nesta região, o maior número de pseudopastores, pastores-colonos ou pastores livres, como eram chamados na época¹². Esta realidade repercute ainda hoje dentro das comunidades luteranas organizadas na região do sul do Estado, pois a origem e manutenção das comunidades livres são um exemplo de resistência e organização popular¹³. Muitas das pessoas participantes das comunidades evangélicas luteranas possuem, na origem da família, alguém que já foi ligado a uma comunidade livre.

Segundo Eliseu Teichmann, os pastores-colonos ou pastores livres “sempre foram muito criticados pelos representantes eclesiásticos. Não se considerou que, apesar das limitações, estas pessoas atenderam às necessidades essenciais dos evangélicos de então.”¹⁴ E, ainda, os pastores leigos foram sempre alvo de duras críticas por parte de uma visão clericalista. As pessoas das comunidades não estavam tão interessadas na discussão institucional, e, sim, interessadas em sua liberdade, devido a

11 Joachim FISCHER, *A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX*, p. 34.

12 Joachim FISCHER, *A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX*, p.39.

13 Osmar WITT traz uma definição de Comunidade Livre, na sua dissertação intitulada *Igreja na migração e colonização*, “Até a chegada do Pastor Borchard a São Leopoldo (1824), os poucos pastores que atuavam no Rio Grande do Sul o faziam por iniciativa pessoal. Nenhuma instituição os tinha enviado para o Brasil. As Igrejas Evangélicas Regionais da Alemanha, até então, não tinham se preocupado com os seus membros que tinham deixado o país. Por consequência, no que dizia respeito à preservação e cultivo de sua fé, os imigrantes evangélicos estavam entregues à própria sorte. Adeptos de uma religião apenas tolerada pela Constituição do Império, sem poder contar com o auxílio do Estado para questões referentes à “sua” igreja, os imigrantes estavam postos diante de uma encruzilhada: resignar e abandonar a Igreja Evangélica, já que por ela também tinham sido abandonados, ou buscar soluções em seu próprio meio. Enveredando por este segundo caminho, foi que se abriu a oportunidade para o surgimento dos assim chamados “pseudopastores” ou pastores livres, sem vínculo com nenhuma instituição eclesiástica, senão apenas com a comunidade, também esta, uma comunidade livre.” (p. 81)

14 Eliseu TEICHMANN, *Imigração e Igreja*, p. 38.

profundas marcas vividas como sujeitos subjugados em sua pátria mãe, em especial na Pomerânia.

A estruturação eclesiástica luterana no Rio Grande do Sul esteve permeada de tensões entre uma elite clerical e a realidade que se apresentava nas comunidades, realidade esta que demandava, em muitos momentos, uma postura mais flexível. Não há dúvida de que muitas das decisões tomadas por parte das instituições, dentro de suas visões de ordem, do rigorismo e da legitimação teológica, contribuíram para despertar e/ou animar a oposição natural já existente em relação às estruturas sinodais. (...) aparece forte, por todo tempo, a idéia de liberdade, de autonomia e de direitos de posse. São estas razões, conjugadas a outras variáveis, que encaminham e direcionam para uma explicação do independentismo eclesial do luteranismo no RS, expresso no fenômeno das comunidades livres.¹⁵

A partir da forte organização das comunidades livres na região do sul do Estado do Rio Grande do Sul podem-se fazer algumas conjecturas, especialmente sobre a grande aceitação de um trabalho como o do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA, que conseguiu estabelecer uma relação de confiança e respeito com as comunidades que atende. Os grupos de saúde, dos quais participam mulheres, organizados com a parceria das comunidades luteranas saem do modelo tradicional de atendimento assistencial e constroem, pelo menos até os dias de hoje, uma nova compreensão de grupo de mulheres. Estes grupos não estão somente vinculados à confessionalidade luterana, mas ao desejo de prevenção de doença em todos os sentidos. Será que esta abertura foi também proporcionada pela trajetória que esta população tem inscrita em sua história? Ou seja, não está ligada tão fortemente a uma estrutura eclesiástica instituída, mas sim às necessidades que prevalecem em sua realidade.

A realidade de empobrecimento da população em geral e das comunidades atendidas pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB é cada vez maior. Um projeto de trabalho pastoral de pastores do então Distrito Eclesiástico Rio Camaquã, que envolvia os municípios de Camaquã, São Lourenço do Sul, Canguçu e Piratini, trazia a preocupação com a falta de incentivo aos pequenos agricultores da região, sendo a região de Canguçu a que concentra o maior número de minifúndios do País¹⁶. E ainda, os atuais projetos de Desenvolvimento do

15 id., ib., p. 86-87.

16 Este documento da equipe de pastores do Distrito Eclesiástico Rio Camaquã foi um projeto de reestruturação do trabalho pastoral escrito no ano de 1998. A partir do Concílio Geral Extraordinário de Ivoti, ocorrido de 28 de fevereiro a 3 de março de 1997, a IECLB tem uma nova constituição. Veja, EQUIPE DO CONCÍLIO, O que muda com a nova Constituição, p. 5: “Ela reformula e reorganiza as instâncias da estrutura, descentralizando-a e dá maior autonomia às ba-

CAPA e o projeto do Departamento de Saúde e Alimentação da Paróquia de São Lourenço mostram o quanto as pequenas propriedades estão em processo de empobrecimento e abandono por falta de uma política agrícola¹⁷.

Atualmente, o empobrecimento dos pomeranos começa a refletir-se na venda de suas terras e na vinda para a cidade. As propriedades estão sendo vendidas para serem transformadas em chácaras de lazer. Segundo Salomoni, as constantes mudanças de políticas agrícolas que vêm ocorrendo nos diferentes governos dos últimos tempos facilitam, em muito, a perda dos referenciais históricos e culturais¹⁸.

O trabalho é salientado por todos os pesquisadores como grande qualidade do povo pomerano. Destaco, em especial, o trabalho das mulheres, coisa já percebida na narrativa das entrevistadas, proporcionando uma sobrecarga de trabalho injusta e que, ao meu ver, só facilita o desencadeamento de doenças nervosas, o estresse e o cansaço físico em geral.

*Observa-se como aspecto muito relevante a sobrecarga da mulher na divisão sexual do trabalho. Além dos afazeres domésticos, que realizam sem o auxílio dos homens, elas trabalham em igual proporção de rendimento, com os mesmos, na lavoura. Por outro lado, constata-se ainda que lhes cabe determinadas tarefas, tais como: tirar leite, tratar os animais, o cuidado da horta e do jardim, buscar o pasto na roça, carregar lenha, etc...*¹⁹

Era comum ouvir as mulheres que encontrei nos cursos e encontros, dizerem que elas “só” faziam o serviço da casa. Com o tempo, fui compreendendo que o serviço da casa implica todo o trabalho dentro e ao redor da casa, exatamente como salienta Salomoni na citação acima.

As paróquias evangélicas luteranas de São Lourenço e Canguçu têm aspectos comuns, como a origem pomerana dos seus membros em geral, a cultura que circunda este grupo e a experiência religiosa das comunidades livres sempre presentes. Distinguem-se pelo tempo em que estão atuando nos respecti-

ses. Se atualmente há, na base, as comunidades, depois paróquias, distritos, regiões, com a nova carta constitucional há as comunidades, em seguida paróquias e sínodos (...) Cada sínodo se organiza internamente em Assembléia Sinodal e Diretoria do Conselho Sinodal. A novidade é que nestes estarão representadas também as comunidades, sendo que as Assembléias e o Conselho serão liderados por presidentes leigos eleitos (...) A estrutura central da Igreja se constituirá em Concílio – órgão máximo e soberano da Igreja – em Conselho, em Presidência e em Secretaria Geral.”

17 CAPA, Projeto Desenvolvimento rural e integral, 1997; PARÓQUIA EVANGÉLICA DE SÃO LOURENÇO, Projeto saúde e alimentação, 1997.

18 Giancarla SALAMONI, *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul*, p. 33.

19 Id., lb., p. 35.

vos municípios. No ano de 1996, a paróquia de São Lourenço festejou 100 anos, enquanto a de Canguçu comemorou no mesmo ano 35. Também se diferenciam na organização de projetos de trabalho. Em São Lourenço, há uma movimentação e uma desenvoltura das pessoas leigas em projetos, como o de saúde, que, no ano de 1998, seguiu com uma segunda etapa de financiamento externo intermediado pelo Serviço de Projetos do Departamento de Diaconia da IECLB. Em Canguçu, existe um trabalho de assessoria do CAPA em duas comunidades da IECLB e há uma vinculação do CAPA com a União dos Agricultores do Interior de Canguçu (UNAIC).

Comunidades livres, origem pomerana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, são troncos comuns das mulheres entrevistadas que, hoje, se encontram em momentos diferentes da vida, porém foram reunidas nesta pesquisa, num exercício de contar fragmentos das suas histórias.

Pomeranas parceiras do caminho da roça

Durante todo o processo de aproximação ao campo de pesquisa me perguntei sobre o porquê da escolha do tema. Passei a subjetivar e fazer um exercício pouco convencional: me analisar como sujeito histórico *pesquisante*. A cumplicidade da origem em termos de classe social, da trajetória leiga na comunidade evangélica luterana me empurrou para pensar minha narrativa. Mas ainda não estava muito clara a origem étnica, a marca da marginalidade, o porquê desta proximidade, cumplicidade e solidariedade.

O que significa ser de origem pomerana? No Brasil, podemos perceber uma preocupação com o que é ser pomerano, especialmente, por parte de pessoas de origem pomerana do Estado do Espírito Santo. Rodolfo Gaede Neto pesquisa o passado e a realidade dos capixabas de origem pomerana, fazendo analogias com a vida miserável que este povo já levava no além-mar e depois no Brasil. Marga Ströher faz um estudo dos pomeranos que se fixaram na região do Estado do Espírito Santo e de Rondônia, resgatando um pouco da trajetória e das lutas também a partir da IECLB²⁰. Helmar Roelke faz uma investigação sobre aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia, motivado pela realidade na qual estava inserido como pastor no Estado do Espírito Santo²¹. Jorge Kuster Jacob e Erineu Foerste escreveram sobre o casamento pomerano também na-

20 Veja GAEDE NETO, Rodolfo. *Os pomeranos no Estado do Espírito Santo seu passado*, 1978; MARGA STRÖHER, *Trajétória histórica dos pomeranos no Espírito Santo*, 1988.

21 Veja HELMAR ROELKE, *Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*, 1996.

quele Estado²². Recentemente, no ano de 2000, foi defendida uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de autoria de Joana Bahia sob o título: *O tiro da bruxa (...)*. É um estudo sobre as expressões da cultura camponesa de pomeranos em especial das mulheres pomeranas acusadas de bruxaria no Estado do Espírito Santo²³. Todas essas obras buscam resgatar a cultura diversa e marginal de imigrantes pomeranos concentrados em uma parte do Brasil. No sul, possuímos pouca pesquisa sobre a realidade atual dos pomeranos na região de São Lourenço e Pelotas. O que existe em maior número são livros de história a respeito dos fundadores e imigrantes desta região²⁴.

Os pomeranos que chegaram, a partir de 1824, ao Brasil, instalaram-se nos Estados do Espírito Santo (na região da serra em maior número), Santa Catarina (em maior número na região norte) e Rio Grande do Sul (grande parte na região sul do Estado).

A Pomerânia foi uma terra arrasada em quase todas as gerações. Situada no litoral do Mar Báltico, com uma extensão de 500 km e banhada no interior por muitos rios e lagos, a Pomerânia Ocidental e Oriental era muito disputada pelos escandinavos (Vikings), dinamarqueses, poloneses e alemães. Desde os seus primórdios, houve guerras e invasões. O domínio final foi efetivado pelos alemães através da cristianização dos pomeranos, considerados pagãos, a partir do ano de 1124. Esta germanização e também cristianização “durou de 1128 até o ano de 1400, com o surgimento das primeiras cidades”²⁵.

Segundo Roelke, os pomeranos acabaram por aceitar a dominação dos alemães, por não admitirem o domínio dos poloneses. Enfatiza que esta atitude não foi de subserviência, mas de sobrevivência, que originou o pomerano que conhecemos.

A história dos pomeranos foi uma constante necessidade de se adaptar a novas realidades, a novos fatos políticos. Com isso, toda sua vida se desenvolveu de maneira silenciosa, 'atrás' de outros, sempre em segundo plano. Por isso

22 Veja Jorge Kuster JACOB, Erineu FOERSTE, *Pommerhochtied: um casamento pomerano no Espírito Santo*, 1997.

23 Cf. Joana BAHIA, *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos (...)*. 2000.

24 Veja Giancarla SALAMONI, *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*, 1995. Este trabalho é bastante pobre, e quando designa os pomeranos de “elementos de origem pomerana”, lembra a linguagem policial; Arita Gilda BERGMANN (org.), *São Lourenço do Sul, 100 anos*, 1984; Vivaldo COARACY, *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*, 1957; Carlos FOUQUET, *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*, 1974; Johannes SCHULTZ-TESMAR, *Reiseführer Pommern*, 1991.

25 Helmar ROELKE, *Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*, p. 12. O autor relata que o povo pomerano tinha uma série de deuses maiores e menores e era muito supersticioso.

a Pomerânia nunca produziu heróis ou grandes feitos históricos, no entendimento de historiadores (não é heroísmo terem sobrevivido nessa história tão acidentada?). O pomerano produziu, isto sim, outras características: a lealdade e uma maneira meio rude e grossa de ser! Como não se tornar rude com esse passado? A lealdade é o resultado de tudo o que a história exigiu desse povo: obstinação para sobreviver em situações quase sempre adversas. Isto só se consegue sendo leal a si mesmo, ao seu ideal e como consequência, sendo leal aos outros que estão na mesma situação.²⁶

A origem pomerana, até bem pouco tempo atrás adormecida, passou a me incomodar. Percebi a não-presença da história pomerana, e, em vez dela, uma definição, generalizada, de ser de origem alemã. Reconheci, na aproximação ao campo pesquisado, um desejo de saber a origem da própria história. Com isso fiz um reconhecimento em torno das margens. Conhecer, podendo reconhecer também nas mulheres pesquisadas, um pouco da importância que têm para nós, em terras brasileiras.

Algumas marcas identificadas nas seis narrativas: sutis complicitades no fazer Igreja, Teologia e Educação Popular

Ao ouvir os relatos das mulheres entrevistadas, fui compondo um quadro numa moldura pouco convencional. Ou seja, a Igreja tão bem delimitada pelo saber de pastores e pastoras representantes de uma dogmática teológica vai sendo contada sob outras perspectivas. É uma igreja construída com alternativas teológicas ainda não suficientemente vislumbradas, pois tudo isso se compõe num campo onde a educação popular acontece pressionando o saber formal instituído com o saber denominado “informal”, não reconhecido, muito presente no mundo das mulheres.

A benzedura: forma de retornar ao passado ou reconstruir um saber oprimido?

Antes disso se tentou, eu não tenho vergonha de dizer, ir nas benzedoras. No momento ajudava porque a benzedora, além de fazer as benzeduras, ela dizia: Toma esse chá ou faz gargarejo. Só que aquilo foi muito pouco, até porque esta benzedora morava muito longe. (Nair)

Sobre as benzeduras, como promotora de saúde, eu não digo nada. Tem uma vizinha que leva o guri, que é chorão sempre para benzer. Eu não digo nada, não falo contra a pessoa, porque é a crença dela e parece que tu tira alguma coisa do chão quando tu fala contra, então deixo ela se iludir. Não é que deixo ela se iludir... Eu digo o que a mãe sem-

26 Helmar ROELKE, *Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*, p. 68.

pre dizia, quando a Camila chorava muito todo mundo dizia para levar para benzer: “que nem a Ane e o Paulo muito chorões”. E todo mundo dizia que tinha que levar para benzer e a mãe e a avó levavam nós sempre para benzer, nunca ajudou. Mesma coisa o mau olhado, levar para benzer e nunca ajudou, nós continuava berrando igual. Isso que ela diz eu tiro como base, eu nunca levei a Camila para benzer. Quando eu era um pouquinho maior, o pai me levou para benzer porque eu tinha umas feridas na boca e secou tudo. O pai levou, mas ela ficou sabendo na hora. A benzedeira benzeu com aquelas arrudas, aquelas coisas e no outro dia estava seco. Secou na hora, foi embora na hora. No outro dia, estava seco. É incrível mesmo... (Ane Rose)

Na medicina popular, dentro da compreensão de André Droogers, a benzedura conhecida pelos pomeranos do Estado do Espírito do Santo foi ampliada com os contatos com outras culturas, em especial, com “os brasileiros”²⁷. Em geral, as benzedadeiras conhecem muitos tipos de plantas medicinais e preparos de chás, além das rezas. Nair aponta esta realidade e a considera um ponto positivo. Ao que parece, “mostrar o outro lado,” como diz Nair, é um jeito de cooptar o que está aí para ser explicado e inscrito num mundo aceitável. “Não digo nada, não falo contra a pessoa, porque é a crença dela e parece que tu tira alguma coisa do chão quando tu fala contra, deixa ela se iludir,” diz Ane. Para Droogers, não é fácil identificar o quanto a medicina popular é menos usada hoje do que nos tempos em que os pastores alemães condenavam explicitamente os membros das suas comunidades por usarem desses conhecimentos²⁸. Já pastores e pastoras atuais não se posicionam da mesma forma. Segundo Droogers, alguns agentes do sagrado negam o fenômeno e não se posicionam, uns criticam, mas de forma mais branda, outros procuram uma atitude mais construtiva, na tentativa de entender a medicina popular na sua origem²⁹. Numa das conversas com Nair sobre seus avós e bisavós, ela me relatou que sua avó materna era descendente indígena. Brincando, ela me disse: “Quem sabe é por isso que estou nessa pajelança”. Entender a medicina popular é entender a religiosidade popular, enfim as raízes que fizeram o povo pomerano no século XII silenciar frente ao cristianismo, católico e depois protestante, suas devoções à natureza, suas divindades.

27 Brasileiros é uma expressão usada pelos pomeranos conforme observação de André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*. Também ouvi esta distinção na região em que pesquisei.

28 André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*, p. 65.

29 Não foi minha preocupação fazer um estudo sobre o tema, mas valeria a pena resgatar as preocupações do pesquisador André DROOGERS na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, dada a grande mistura de culturas.

Não percebi em nenhum momento, talvez por não ser pastora, qualquer sentimento de culpa nestas mulheres por terem procurado benzedeadas, ou admitirem que, por curiosidade, conheceram ou gostariam de conhecer outras experiências relacionadas à religiosidade ou a questões como prever o futuro através de leitura de cartas, por exemplo. Tal facilidade em transitar por diferentes percepções do sagrado pode ser encontrada em outros contextos da IECLB. Oneide Bobsin relata uma visita feita na casa de uma mulher, membro da comunidade luterana, situada na grande Porto Alegre, durante uma pesquisa de campo. Na casa, aberta ao pesquisador/pastor, havia um cartaz em forma de quadro que trazia o horóscopo da dona da casa com características do seu signo. As pessoas querem saber se há algum retorno (a busca do prazer) para elas, enquanto desejosas por lidar com as coisas místicas, religiosas, racionais e emocionais ao mesmo tempo. A mulher visitada conclui: “Pastor, eu acho horóscopo bobagem, mas a gente tem que ter um pouquinho de superstição. Quem não tem!”³⁰ Hermann Brandt atualiza nossa discussão, afirmando a importância do sincretismo pelo fato de ele poder ser identificado dentro da igreja, e não mais fora dela. Parece haver, por parte de tudo que é instituído, a idéia de que o sincretismo precisa ser isolado, neutralizado, como se faz com as pessoas portadoras de lepra (hanseníase). No entanto, “uma religião só pode permanecer viva se acolhe elementos que, originalmente, lhe são estranhos, os incorpora e os ‘digere’”. Ela faz isso acolhendo o que corresponde a sua própria identidade e eliminando o que lhe é indigesto”³¹. É assim com toda e qualquer aprendizagem: uma desterritorialização, uma simulação e novamente uma territorialização.

Joana Bahia (2000, p. 277) observa que “o repertório das práticas de caráter medicinal é transmitido pelas mulheres por várias gerações. Em cada família se produzem práticas medicinais simples, baseadas numa farmacopéia popular (...)”. Tudo isso muito ligado a rezas e rituais que confirmam o sincretismo vivido em terras brasileiras, reafirmando práticas do além-mar que a Teologia oficial tentou silenciar, mas não por muito tempo. Esses resgates seguem acontecendo e, dessa forma, conhecimentos vêm à tona através de histórias que são contadas.

O exercício da liderança eclesial – um outro jeito de buscar espaços

Conseguí trazer vários membros que estavam em atraso com as mensalidades por vários anos, de oito até dez anos, eles tinham muita vontade de retornar para dentro da igreja

30 Oneide BOBSIN, *O subterrâneo religioso da vida eclesial*, p.271.

31 Hermann BRANDT, *Teologia contextual como sincretismo?* p.109.

e tinham, ao mesmo tempo, medo e até vergonha. Falei com a diretoria e com o pastor, sugeri algumas propostas para eles, que foram aprovadas. Por exemplo, lá eles ainda capinam o cemitério uma vez por mês, e à volta da comunidade, o pátio e tudo. Então promovemos que os membros que estivessem devendo, há mais tempo, iam pagar através de trabalho. Conversei com eles que aceitaram muito bem, consegui colocar uns quatro ou cinco em dia. Outros tinham os filhos para tomar a primeira comunhão e tinham dívidas de vários anos, conseguimos facilitar e parcelar o pagamento em várias vezes, até o dia que eles precisassem estava pago. Consegui ajudar várias pessoas e trazê-las de volta para a igreja, foi muito gratificante. Penso que é uma passagem que foi muito boa na minha lembrança, até hoje eu deito e me lembro, e penso: “Como é que eu fiz isso tudo em dois anos e não sabendo nada?”. (Eva)

Como presidenta da comunidade, essa mulher, que não se reconhece com conhecimentos, resgata a participação de pessoas afastadas da comunidade de forma muito pragmática. Essas e outras aprendizagens foram coletadas em narrativas que produzem a visibilidade dos conhecimentos não reconhecidos como tais.

As aprendizagens que a escola não viu...

Assim vou levando a minha vida, trabalhando na lavoura, fazendo o serviço de casa, cuidando das filhas, trabalhando na horta, cuidando dos animais, tiro leite e também faço o preparo da multimistura. Trabalho com remédios caseiros e estou liderando o grupo de saúde aqui da nossa comunidade. Gostaria muito de continuar a participar, mesmo sendo bastante difícil sair de casa para fazer cursos, participar de reuniões de planejamento e outros, mas vou fazer algum esforço. Assim também fiquei muito contente com a sua participação, Edla, junto conosco, com as suas entrevistas. Dá mais coragem... E também, muitas vezes, com essa história da minha vida acho muito importante esse registro, pois daqui em diante gostaria de continuar anotando a minha vida e também a vida de minha família, pois muito é esquecido, e assim fica registrado. (Alzira)

A multimistura de fazer tudo ao mesmo tempo vai ensinando modos de resistir na roda-vida dos impedimentos. Assim a escola, nem sempre aberta ao que se pode aprender, vai proporcionando outras aprendizagens.

Agora eu estou vivendo mais a política, porque estou participando do Conselho Municipal de Saúde. Do Conselho Municipal de Assistência Social eu já participei. Sexta-feira, eu participei da Conferência de Assistentes Sociais, mas vi horrores e me apavorei. Disse até para Nair que eu não imaginava que a política era assim. Eu vi num debate que eu fui,

porque nunca tinha ido numa conferência com debate, e é só política. (Eva)

A política, aprendida pelas mulheres como algo incompreensível, beirando a sujeira, sempre relacionada com o público e com as negociações aparentemente do mundo masculino, vai sendo desmistificada, à medida que a participação força outras maneiras de perceber as relações de poder. Todas as entrevistadas detectam, em maior ou menor grau, suas habilidades sendo desenvolvidas nos pequenos embates com a comunidade.

Hoje temos seis pequenas farmácias montadas no interior, que são montadas com remédios básicos. Também uma coisa interessante: quando começamos a montar as farmácias no interior, fomos questionadas: “Como é que vocês podem fazer isso? Vocês têm uma formação para isso?” Era o pessoal da Secretaria da Saúde. Alguns médicos questionavam, enfermeiros, outras pessoas também questionavam. Um pouco eram curiosos, um pouco duvidando deste trabalho. Os médicos, o pessoal da saúde do município questionavam. Como é que nós podíamos receitar remédios e até fazer os remédios. Nós simplesmente tínhamos certo conhecimento na área de plantas medicinais. Se a gente dizia que tinha feito um curso numa faculdade, eles respeitavam mais. Mas agora esse pessoal tá incentivando o trabalho porque não desistimos, a gente não teve medo. Até quando víamos que a coisa não era para a gente dizíamos: “Olha, isso não é para nós, vocês vão ter que procurar outras pessoas.” O trabalho tá sendo reconhecido a nível de município também. Estão usando isso a partir de uma experiência do CAPA. Estamos fazendo o trabalho mais na área da formação. O CAPA também incentivou e investiu na minha formação para poder me atualizar cada vez mais. (Islair)

O reconhecimento desses espaços públicos de aprendizagens onde a educação pode acontecer para além das salas de aula, foram desafios constantes nas parcerias que essas mulheres aprenderam. As narrativas nos levam a um entendimento sobre o que foi sendo assimilado e marcado como único e sem perspectivas de mudança para uma réstia de bom senso aprendida na confrontação com o inusitado oferecido, às vezes, por cursos, às vezes por meio da fala de alguém próximo ou desconhecido, enfim interferências, como diria Deleuze (1992). A marca pedagógica oferece construções de permanência ou de mudança, dependendo do momento em que se encontra a pessoa.

O tratamento para febre reumática com reumatismo no sangue foi com a tintura do chapéu de couro e tintura de própolis. Diariamente, por três meses. E alimentação balanceada, pouca proteína, quase nada, e muitos sais minerais, bastante líquido e verduras cruas. Antes eu não tinha esse costume, esse hábito de comer verduras cruas.

Os farelos e a multimistura alternativa. Isso ajudou muito, aprendi isso nos cursos: o que tenho que comer para que meu rim funcione melhor? Foi ajudando. Eu mesma sentia, na carne, percebia e observava. Comecei a observar o meu próprio organismo. (Nair)

De uma dada situação constrói-se o inédito-viável de Freire, conseqüência das *situações-limites* analisadas por ele como desencadeadoras de todo processo de busca do aprender, do enfrentar e superar um problema³².

Homens e mulheres reagem de várias formas frente às situações-limites: acreditam não poder enfrentar o limite; não o querem enfrentar ou o encaram como algo que existe, precisa ser enfrentado e buscam formas de fazê-lo. Quando uma situação-limite é percebida criticamente, como neste último caso, há um distanciamento daquilo que incomodava e a admissão de que existe um problema percebido-destacado que passa a ser o tema-problema encarado, discutido e superado, descobrindo, assim, o inédito-viável.³³

E nesse movimento, a marca pedagógica se inscreve como possibilidade da transformação. Entendo a marca pedagógica no movimento do que Freire apontava para o tema gerador, mas numa conotação ainda mais voltada para o que se aprende e fica instituído como verdade e só se “desaprende” quando desconstruído por uma narrativa que possibilite visualizar a situação-limite em que se vive. No caso da vida das mulheres entrevistadas, pude constatar, por diversas vezes, esses impasses geradores de novas percepções de si. Também o processo de investigação gera essa aprendizagem, quando nos permitimos pensar o porquê das escolhas, dos temas, dos problemas a serem pesquisados.

Referências bibliográficas

- BAHIA, Joana. *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2000. Tese (Doutorado).
- BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre: IEL, 1983.
- BERGMANN, Anita Gilda (org.). *São Lourenço do Sul, 100 anos*. São Lourenço do Sul: Prefeitura Municipal, 1984.
- BOBSIN, Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v.37, n.3, 1997.

32 Estes dois conceitos são detalhadamente analisados pela revisora das notas, Ana Maria Freire, no livro *Pedagogia da esperança*.

33 Edla EGGERT. *Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico* (...). p.34.

- BRANDT, Hermann. Teologia contextual como sincretismo? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v.27, n.2, 1987.
- COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1957.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DROOGERS, André. *Religiosidade popular luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- EGGERT, Edla. *Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)*. São Leopoldo: EST, 1998. Tese (Doutorado em Teologia).
- FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v. XXXIII.
- FISCHER, Joachim (org.) *Ensaio luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden: São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais "25 de julho", 1974.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *Os pomeranos no Estado do Espírito Santo: seu passado, sua história, sua situação atual, um desafio para a Igreja*. São Leopoldo: EST, 1978.
- GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- JACOB, Jorge Kuster; FOERSTE, Erineu. *Pommerhochtied: um casamento pomerano no Espírito Santo*. Vila Pavão: Prefeitura Municipal; Consulado Geral da República Federal da Alemanha, 1997.
- RHEINGANTZ, Carlos G. *Colônia de São Lourenço: breve histórico de sua fundação por Jacob Rheingantz*. Rio Grande: Americana, Pintos & C., 1991.
- ROELKE, Helmar. *Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.
- SALAMONI et al. *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Universitária, 1995.
- SCHULTZ-TESMAR, Johannes. *Reiseführer Pommern*. 2. Aufl. Leer: Rautenberg, 1991.
- STRÖHER, Marga. *Trajetória histórica dos pomeranos no Espírito Santo*. São Leopoldo: EST, 1988. Trabalho semestral.
- TEICHMANN, Eliseu. *Imigração e igreja: as comunidades livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: IEPG, 1996. Dissertação (Mestrado).
- WITT, Osmar. *Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no sínodo rio-grandense*. São Leopoldo: IEPH, 1992. Dissertação.

DEBATE, APÓS APRESENTAÇÃO DO TEMA NO
IHU IDÉIAS DE 14.08.03.

Prof. Ático Chassot – *Quando a gente estuda bruxaria, tomam-se outras posições em relação à bruxaria. Quer dizer, começa-se a admirar as bruxas e, com razão, porque isso que tu contas dos chás, todas essas coisas que as mulheres iam descobrindo, a razão de sua eliminação e, inclusive, colocá-las na fogueira, era uma situação de competição. Os homens se viam perdendo espaços, porque elas estavam tomando conhecimentos e se apropriando de sabedorias e por isso elas eram sempre vistas como o demônio. E portanto, eram apagadas por essa razão. Isso tem tudo a ver com essa nova retomada de saberes por parte das mulheres?*

Profª Edla Eggert – De certa forma sim. Os conhecimentos ensinados de mãe para filha foram maneiras de construir um poder paralelo. Não sei se os homens perderam espaços ou se esses espaços nem eram percebidos por eles até então. A antropóloga Joana Bahia mostra bem essa questão da bruxaria e da benzedura, esse movimento em que a bruxaria tinha que ser desfeita só por uma benzedeira, onde entra um outro estágio que é fazer valer uma das partes, nesse jogo de poder/saber. Talvez a fogueira entre para eliminar esse movimento, não sei.

Estudante Lucilda Selli – *Eu queria saber como e por que você selecionou essas seis mulheres?*

Profª Edla Eggert – Nos cursos que realizamos, vinham mulheres de todas as regiões e religiões. Entre essas mulheres, várias delas eram benzedeiros reconhecidas. Falava-se disso nos cursos, mas sempre com cuidado para que os pastores não ficassem sabendo. É curioso o jeito como isso era relatado.

Eu preferi, ou precisei, por uma questão de tempo, ficar com as luteranas da IECLB. Havia a possibilidade, e também a curiosidade, de entrevistar mulheres católicas, ou luteranas vindas da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil de procedência dos EUA), além das Comunidades Livres que ainda existem nessa região, mas isso seria ampliar demais as histórias de vida, e conseqüentemente, as análises posteriores.

Depois eu fui observando a liderança que se destacava. Fui por um critério que pode ser contraditório, pois na Educação Popular e também no feminismo a proposta não é simplesmente as lideranças contarem suas histórias, mas na época foi o que achei interessante. Acabei escolhendo quase uma mulher de cada local. Foram pessoas que através desses lugares me fizeram conhecer um pouco a região e para mim foi importante, porque realmente conheci o município de São Lourenço do Sul inteiro. Nos cursos em que participava acabava dando carona para as pessoas e com isso, consegui conhecer a geografia do lugar. Em Canguçu, entrevistei uma mulher bem do interior de Remanço e uma outra que veio morar na cidade. Esse foi outro critério: a questão ligada à terra com essa possibilidade de quem migrou para a cidade. A partir desses critérios que eu estabeleci, acabaram ficando essas seis mulheres. Tinha outras lideranças, mas elas eram católicas, o que me levaria a abrir uma outra discussão, até porque elas tinham outras formas de lidar com algumas coisas e que não me interessavam. Aí tive que afunilar. Chega uma hora que a orientadora diz “aqui não”, e a gente tem que cortar. Por isso ficaram seis.

(Esteve presente em nosso debate um pesquisador autodidata, pastor luterano da IECLB por vários anos no Estado do Espírito Santo junto aos pomeranos. José Carlos comentou que percebia o cuidado dos pomeranos em não falar na frente dele sobre questões ligadas a benzeduras e crendices. Depois de um tempo, ele voltou para essas mesmas comunidades, mas não na função de pastor, e só então eles se manifestaram sobre suas crenças. O seu relato está transcrito a seguir).

Pastor José Carlos – “Se eu fosse pastor, jamais dariam para mim, mas como eu estou todo o ano lá, toda hora lá e sou amigo, faço programa de rádio, dou palestra e sabem que não sou mais pastor pesquisador, vem tudo agora, tem um baú cheio, então eles falam agora para mim com mais facilidade, mas a quinta geração de pomeranos, depois de 1980, se abriu mais. Duas questões básicas: as mulheres não se calam mais, já estão se queixando dos maridos, já estão se abrindo, discutindo com os maridos na nossa frente. Outra coisa: estão entrando em questões de terra. O Espírito Santo ainda tem terras devolutas, e os pomeranos já estão há mais de 100 anos naquelas terras. Outra questão está relacionada à saúde e benzeduras. Se eu quiser fazer uma tese só de ervas medicinais, eu tenho 200 páginas, o que está saindo, o que está vindo, o que tenho de subsídios para os pesquisadores, é coisa incrível. E sobre benzeduras agora é um capítulo a parte que está se abrindo cada vez mais, mas os idosos não

se abrem de jeito nenhum, só os mais jovens 25, 30 anos, esses sim, mas os mais idosos, os mais velhos não!."

Prof^a Edla Eggert – Tu falaste da questão de ser pomerano. Para as mais novas gerações, isso já não parece ser tão importante, mas, por exemplo, na minha pesquisa eu é que insistia mais, porque, no fundo, era uma coisa que me tocava, uma curiosidade. Estou lendo uma tese sobre bruxaria que foi outra descoberta tardia para a minha tese, mas que ajuda no sentido de enxergar um pouco mais essa cultura.

O tema deste caderno foi apresentado no
IHU Idéias, dia 14/08/03.

TEMAS DOS ÚLTIMOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.